

ENTRELACE DE LITERATURA, HISTÓRIA E FICÇÃO NA NARRATIVA METAFICCIONAL HISTORIOGRÁFICA *O BRUXO DO CONTESTADO*

PALM, Keila Aparecida¹
MASSAGLI, Sérgio Roberto²

RESUMO: Este artigo visa explorar as relações entre História, Literatura e metaficção historiográfica na obra *O Bruxo do Contestado*, de Godofredo Oliveira Neto, uma narrativa pós-moderna que tem seus personagens e lugares ligados ao conflito do Contestado, ocorrido nos Estados do Paraná e Santa Catarina entre 1912 e 1916. Com a Guerra do Contestado como pano de fundo da narrativa, o autor aproveita-se das lacunas deixadas pelos documentos oficiais para trazer os relatos e memórias da população local sobre o conflito, mesclando informações reais com fictícias, com o que faz refletir sobre as condições sócio-políticas da época rememorada, bem como do período em que a narrativa se passa, a Era Vargas. Como a metaficção historiográfica tem por principal característica questionar o passado trazendo para o presente estas questões, muitas vezes, esquecidas pela História oficial, a obra *O Bruxo do Contestado* consegue abordar as características metaficcionalistas em sua narrativa, causando questionamentos e reflexões sobre o conflito.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. História. Metaficção historiográfica. Guerra do Contestado.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo explorar las relaciones entre la Historia, la Literatura y la metaficción historiográfica en la obra *O Bruxo do Contestado*, de Godofredo Oliveira Neto, una narrativa posmoderna en que sus personajes y lugares están relacionados con el conflicto del Contestado, ocurrido entre los Estados de Paraná y Santa Catarina en los años de 1912 y 1916. Teniendo la Guerra del Contestado como contexto de la narrativa, el autor aprovecha de los vacíos dejados por los documentos oficiales para hablar de las historias y memorias del pueblo local sobre el conflicto, haciendo una mezcla entre las informaciones reales con las ficticias, con que hace reflexionar sobre las condiciones socio-políticas del período reportado, bien como de la época en que la narrativa se desarrolla, la Era de Vargas. Como la metaficción historiográfica tiene por su principal característica cuestionar el pasado trayendo para el presente esas cuestiones, muchas veces, olvidadas por la Historia oficial, la obra *O Bruxo do Contestado* aborda las características metaficcionalistas en su historia, encendiendo cuestionamientos y reflexiones sobre el conflicto.

PALABRAS-CLAVE: Literatura. Historia. Metaficción historiográfica. Guerra del Contestado.

¹Acadêmica da 9ª fase do curso de Graduação em Letras: Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, *Campus Realeza/PR*.

²Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, *Campus Realeza/PR*. Orientador da acadêmica Keila Aparecida Palm, no artigo elaborado para o Trabalho de Conclusão de Curso II.

INTRODUÇÃO

A Guerra do Contestado foi um conflito armado que aconteceu entre 1912 e 1916 nos territórios dos estados do Paraná e Santa Catarina e teve milhares de mortos entre caboclos e soldados do exército nacional. Um dos motivos foi a instalação da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande que cortava os estados do sul do país por meio de uma concessão dada pelo governo brasileiro aos donos da construtora da ferrovia para a exploração da madeira, causando a revolta dos moradores da região, que perderam as suas terras e viram a riqueza do local ir embora pelas mãos de estrangeiros. Com a ajuda do monge José Maria, e guiados pela fé nesta figura, os sertanejos e caboclos se uniram e enfrentaram soldados policiais. Ao longo do tempo, houve um trabalho de apagamento da memória coletiva deste conflito, causando o esquecimento por parte da população e dos historiadores, sobrevivendo através das memórias de pessoas que lutaram, que vivenciaram este período e passaram de geração em geração a história das batalhas.

As memórias deste período da história paranaense e catarinense são de grande valia para a constituição da identidade desta região “contestada”. Com as obras literárias, cinematográficas e históricas pode-se lembrar este acontecimento, como é o caso do livro *O Bruxo do Contestado* de Godofredo de Oliveira Neto, que, através da ficção, recorda as memórias das pessoas que viveram na região, que rememoram da batalha por meio de relatos de familiares e reproduzem as histórias contadas por eles. O estudo de obras literárias que tratam do contexto regional é recente e de fundamental importância, uma vez que a literatura regional, frequentemente, é relegada a um segundo plano nas pesquisas de graduação, as quais dão mais ênfase a autores e obras da literatura nacional ou universal, já incluídos no cânone literário.

Através de releituras da história, a metaficção historiográfica preenche o espaço deixado pela História oficial acerca de períodos que caem no esquecimento da população. A obra *O Bruxo do Contestado*, de Godofredo de Oliveira Neto, trata de rememorar os momentos da Guerra do Contestado e o presente artigo busca identificar nesta narrativa características da metaficção historiográfica, bem como fazer uma reflexão acerca do entrelace entre memória, história e literatura, com a problematização do discurso historiográfico como umas das narrativas capazes de reconstruir o passado.

A Guerra do Contestado é fonte de inspiração para obras literárias e cinematográficas, como a narrativa *Geração do Deserto* (1964), de Guido Wilmar Sassi, que tem como cenários as cidades onde aconteceram as batalhas e personagens históricos que lutaram tanto do lado dos caboclos, quanto dos oficiais. Outra obra significativa é o filme *Guerra dos Pelados* (1971), de Sylvio Back, que, inspirado no romance de Guido Wilmar Sassi, conta algumas batalhas que ocorreram nos campos paranaenses e catarinenses. Assim como a narrativa de Oliveira Neto, os enredos são baseados na Guerra do Contestado, mesclando personagens reais com personagens fictícios.

A Relação entre História e Literatura em obras literárias

A Literatura e a História sempre mantiveram uma relação, às vezes mais amigável, outras vezes mais conflitiva, quanto ao seu objeto, isto é, os fatos narrados, pois, muitas vezes, a Literatura se baseia em fatos históricos para criar e recontar as histórias, já a História prefere os fatos narrados como “verdadeiros”. A partir do século XIX, as escolas literárias do Romantismo e Realismo utilizaram-se dos recursos históricos para fazerem seus romances. Com o Modernismo, essa dualidade foi radicalizada, conferindo-se uma grande autonomia à literatura, que se voltou mais para si mesma, desconfiando e rejeitando a contribuição dos historiadores. Já no Pós-Modernismo essa fronteira entre Literatura e História, ficção e fato, começa a ser atravessada com questionamentos mais abrangentes.

Durante muito tempo quase não se diferenciavam as narrativas literárias das históricas, ambas mesclando realidade e lenda. O cronista medieval, por exemplo, desempenhava duplo papel de historiador e ficcionista. Tipo emblemático desse narrador foi o cronista português Fernão Lopes, considerado como o pai da prosa portuguesa, cujas crônicas apresentam, ao lado da pesquisa histórica, qualidades artísticas acentuadas. As fronteiras entre Literatura e História passaram a ser delineadas a partir do século XIX, sendo que mais recentemente o diálogo entre as duas tornou-se mais fronteiro e essa aproximação é apontada como uma das principais características das ciências humanas contemporâneas.

Na Antiguidade, literatura e história caminhavam juntas, pois os poetas eram os responsáveis por contar sobre as batalhas dos reis e recontar aos que não participaram do acontecimento, sendo que, geralmente, essas narrativas eram feitas em forma de poesia ou cantadas e endeusavam os heróis. Com o passar do tempo,

a poesia foi relacionada à filosofia e tratava do universal, enquanto a história trabalhava com o fato particular. Linda Hutcheon (1991) cita a visão de Aristóteles para demonstrar como era a divisão da História e da poética, em que o historiador só poderia falar a respeito daquilo que aconteceu em relação aos pormenores, e já o poeta se encarregaria de contar o que poderia acontecer, podendo utilizar-se de fatos e personagens históricos para falar daquele acontecimento.

A Literatura foi desqualificada como modo de conhecimento da realidade com o advento da História, sendo considerado um lugar de fantasia para o artista. O historiador se baseava na ciência sendo objetivo e racional. Portanto, essa racionalidade foi a base para a criação da historiografia que se institucionalizou no início do século XIX e “a profissionalização do historiador era então determinada por uma concepção documentalista, em que um empirismo ingenuamente objetivo ocupava o lugar de qualquer teorização consequente” (LIMA, 2006, p. 17). Assim o valor real era atribuído aos documentos analisados pelos historiógrafos e instituindo a profissão de historiador.

Alguns historiadores criticam a Literatura pelo fato do relato passar por filtros da memória, sendo que o texto histórico também passa por interpretações de dados que construirá a narrativa histórica. Essa interpretação é questionada por estudiosos da literatura os quais postulam que a narrativa pode ser subjetiva, pois reconstruindo o passado através de fatos e montando quebra cabeças para remontar os acontecimentos, a interpretação passa pelo filtro de conhecimento do historiador, de modo que

[...] o historiador precisa “interpretar” o seu material, preenchendo as lacunas das informações a partir de inferências ou de especulações. Uma narrativa histórica é, assim, forçosamente uma mistura de eventos explicados adequada e inadequadamente, uma congêrie de fatos estabelecidos e inferidos, e ao mesmo tempo uma representação que é uma interpretação e uma interpretação que é tomada por uma explicação de todo o processo refletido na narrativa. (WHITE, 1994, p. 65)

Deste modo, depreende-se que o historiador também é um interpretador de seus textos, sendo que a narrativa que apresenta é fruto de um processo de reflexões sobre o material que possui.

Em relação à receptividade das narrativas, tanto históricas como literárias, depende de como o leitor as ler, e isso depende também de seu conhecimento e de conseguir fazer a separação entre um texto histórico e outro ficcional histórico, bem

como utilizar critérios de relação com os escritos, considerando o sentido dos textos e práticas do mundo social:

[...] identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido. (CHARTIER, 1999, p. 197)

Com isso deve-se romper com a própria relação de escrita de discurso histórico ou literário, para que possa compreender e associar ao contexto sócio-político do sujeito.

Os momentos em que os textos de ficção se fundem com os históricos se evidenciam nos romances do Romantismo, no século XIX, que são conhecidos como romances históricos. Neste momento, entrou em cena a imaginação dos autores em relação aos feitos históricos e, assim, o que ocorreu adquiria uma nova visão e novos entendimentos. Isso gerou uma reação entre os historiadores, que negaram a literatura como forma de recontar o passado, pois acreditavam que apenas com os documentos poder-se-ia narrar os episódios históricos:

[...] Mediante a crítica dos documentos, o historiador estabelece a “moldura” de sua narrativa, o conjunto de fatos a partir do qual uma “estória” deve ser moldada no relato narrativo que faz deles. O problema do historiador, uma vez estabelecida esta moldura, é preencher as lacunas do registro por meio de uma dedução de fatos que “devem ter ocorrido”, a partir do conhecimento dos fatos que se sabe terem efetivamente ocorridos. (WHITE, 1994, p. 76)

Assim como o autor dos romances, o historiador também preenche lacunas abertas por espaços de tempo, baseando-se nos documentos e em fatos posteriores aos acontecidos. Hayden White (1994) destaca que a narrativa histórica também pode ser considerada uma forma de ficção, e o historiador pode ser considerado um escritor de histórias, porém o seu compromisso com a “verdade” o classifica como relator dos acontecimentos, deixando para os literatos a produção da narrativa “descompromissada” de algum acontecimento histórico.

Desse modo, história e ficção se vinculam como campos discursivos que narram experiências humanas através da linguagem, e assim surge a metaficção historiográfica, que une literatura e história para levar os leitores a uma reflexão, a questionamentos das verdades retratadas pelos historiadores, sendo que a metaficção historiográfica se insere nas lacunas deixadas pelos documentos oficiais.

Linda Hutcheon (1991) em seus estudos alega que as relações entre a História e a ficção partem da verossimilhança com o fato real, e que até o começo do século XIX eram ramos da mesma árvore do saber. Na modernidade, com o advento de novos estudos, a metaficção historiográfica estuda e compreende a história e a literatura com questionamentos e suas intertextualidades.

A Metaficção Historiográfica pós-moderna

A metaficção é a escrita que, de maneira consciente e sistemática, chama a atenção para sua condição de artefato, para propor interrogações acerca da relação entre ficção e realidade. Segundo Hutcheon (1991), tem por característica apropriar-se de personagens ou acontecimentos históricos sob a perspectiva da problematização dos fatos concebidos como “verdadeiros”. Assim, a metaficção historiográfica é caracterizada pela autorreflexão acerca dessas “verdades” e pelo questionamento das verdades históricas.

A metaficção propõe um jogo ao leitor, fazendo alusão às formas nas quais se lê, escreve e se concebe a ficção. Ao fazer isso, também trabalha com as brechas deixadas pela história.

[...] a metaficção historiográfica se aproveita das verdades e das mentiras do registro histórico. [...] não reconhece o paradoxo da realidade do passado, mas sua acessibilidade textualizada para nós atualmente. [...] A auto-reflexividade metafictional dos romances pós-modernos impede todo subterfúgio desse tipo, e coloca essa ligação ontológica como um problema: como é que conhecemos o passado? O que é que conhecemos (o que podemos conhecer) sobre ele no momento? (HUTCHEON, 1991. p. 152)

A interação da ficção com a história admite dúvida com relação à autenticidade e inautenticidade dos objetos analisados, sendo que ambas trazem os fatos históricos ao presente. A metaficção historiográfica aborda as questões das referências do passado, colocando em evidência os fatos antes esquecidos pelas narrativas oficiais.

A metaficção historiográfica demonstra que a ficção é historicamente condicionada e a história é discursivamente estruturada, e, nesse processo, consegue ampliar o debate sobre as implicações ideológicas da conjunção foucaultiana entre poder e conhecimento – para os leitores e para a própria história como disciplina. (Idem. p. 158)

Sendo que a metaficção historiográfica mantém a diferença entre a formalidade da autorrepresentação e do contexto histórico, e quando faz isso contesta o conhecimento histórico, não existindo conciliação e nem argumentação. Tanto a escrita da história como a ficção e a literatura partem da verossimilhança, utilizando de elementos intertextuais. Assim, o texto metaficcional é uma releitura do texto do passado com uma certa crítica ao texto histórico tido como “oficial”.

A intertextualidade é uma das características dos romances metaficcionais historiográficos, em que as informações do contexto cultural e histórico são acrescentadas durante a narrativa. Hutcheon (1991. p. 145) afirma em seus escritos que “a metaficção historiográfica procura desmarginalizar o literário por meio do confronto com o histórico, e o faz tanto em termos temáticos como formais”. A interação entre a história e a metaficção repudia a pretensão entre a autenticidade e a inautenticidade dos fatos, de modo que reescrever o passado dentro da ficção não pode ser tratado como conclusivo, e muitos romances colocam a autoconsciência metaficcional para questionar o fato e fazer com que o leitor possa identificar várias versões e visões do mesmo acontecimento.

Com o advento da metaficção historiográfica, História e Literatura se conglobaram pelas produções escritas, ficcionais ou não, levando o leitor à autorreflexão, ao questionamento das verdades, pois ambas exercem os mecanismos oferecidos pela linguagem, em que o fluxo de consciência da leitura se faz presente. Na ficção histórica, o processo de se assemelhar com o fato real é mais presente, para dar veracidade à narrativa. Já a metaficção historiográfica incorpora os dados, porém com menos detalhes do real acontecimento, conduzindo às reflexões de como se conhece o passado, de como foi construído e como está sendo transmitido para o presente.

Identificando características de metaficção historiográfica na obra *O Bruxo do Contestado*

O romance *O Bruxo do Contestado*, de Godofredo de Oliveira Neto, tem a guerra do Contestado como um artifício para desenvolver a sua narrativa. A partir de relatos e memórias da Guerra do Contestado, Oliveira Neto traz para o presente este conflito e coloca a versão de uma memória individual de quem apenas ouviu relatos sobre o ocorrido, e ainda por personagens à margem do centro da História. Hutcheon (1991) cita que uma das características da metaficção historiográfica é dar

voz e vez aos personagens marginalizados ou de pequena expressão envolvidos nos fatos. Na narrativa, os fatos da Guerra do Contestado servem como base para o desenvolvimento da história, tendo algumas leituras e visões diferenciadas do acontecimento histórico.

O autor trabalha com a Guerra do Contestado, passando pela ditadura da Era Vargas até chegar à época da ditadura militar no Brasil. Estes três tempos históricos e distintos permeiam a narrativa de forma não cronológica, fazendo com que as histórias contadas não estejam comprometidas com o período vivido e o fato histórico. Uma das características marcantes da obra é a dupla instância narrativa da história, em que, em dados momentos, o narrador se transporta para os fatos narrados na época de sua infância e depois centra-se na sua vida adulta, em fase final. Esse fato é perceptível através da mudança do estilo de letra em que o autor utiliza. A primeira narrativa (em itálico) é redigida por Tecla, a narradora, doente terminal, morando em um hotel em São Paulo no decorrer de 1981. A segunda tem como espaço principal a comunidade de Alto Diamante e os fatos narrados coincidem com o período da Segunda Guerra Mundial.

A narrativa começa com uma nota de alguém que encontra os manuscritos de Tecla, a contadora da história do bruxo do Contestado, e essa pessoa os reproduz em forma de livro. Após essa pequena introdução, inicia-se a parte em que Tecla se apresenta e conta sua história de vida de forma sucinta, pois está na década de 1980 e no final de sua vida, sendo este o motivo pelo qual decidiu escrever algo sobre a sua vivência e experiência no Sul do Brasil e as histórias das famílias e pessoas que contavam suas memórias a respeito da Guerra do Contestado. Posteriormente à apresentação, Tecla inicia suas memórias ou recordações, em que mostra o povoado de Alto Diamante, localizada próxima aos Campos do Irani, onde ocorreu grande parte das batalhas da Guerra do Contestado.

Ao começar as memórias e narrativas, a narradora apresenta a família de descendentes de alemães Rünnel, que é composta pelo Gerd Rünnel, o pai, Jutta Rünnel, a mãe, e pela filha, Rosa Rünnel. Estes são os primeiros personagens da história, que estão envolvidos em todo o enredo. Essa família de descendentes de alemães teve parentes que lutaram na Guerra do Contestado, e por isso Gerd se orgulha e acredita que os tempos do contestado irão voltar, pois passavam por um período de dificuldades, principalmente com o decreto do presidente do Brasil, Getúlio Vargas, que proibia os descendentes de europeus de se comunicarem em

outro idioma que não fosse o português. Tomado por uma intensa crise psicológica, o patriarca se vê em constantes sonhos dos tempos do Contestado, porém não esteve e nem participou deste fato, apenas ouviu as memórias e relatos das pessoas que viveram na época.

Neste primeiro momento, percebe-se que o autor do livro traz os fatos históricos através da memória dos personagens, pois o acontecimento está em um tempo decorrido, na voz de personagens fictícios que recontam e revivem os momentos daquela época. Ao longo da narrativa, estes momentos continuam exercendo influência sobre alguns personagens e guiando os pensamentos e atitudes, principalmente de Gerd, mas no início são mais evidentes as lembranças do Contestado que são feitas através das alusões e recordações de seu primo que participou do conflito, e enviou uma carta a ele. Nesta carta, estão relatados os ideais que guiavam os aliados do monge José Maria no conflito, como também a fé de todos em Jesus Cristo e a sobrevivência nos acampamentos dos campos do Irani. Descreve também que a comunidade crescia com muitos seguidores em busca de uma nova vida, porém os que descumprissem alguma regra ou não seguissem com os mandamentos eram mortos, como uma prova de soberania. Nestes relatos, Oliveira Neto traz as informações de como era a vida no período do Contestado, através de um relato de um seguidor do monge.

[...] Todos aqui são iguais, tudo é de graça, ninguém precisa comprar nada. A comida é ofertada para todos. As terras do mundo pertencem a Cristo. A curiirama sagrada é para todos. É só chegar e plantar. Ninguém é dono delas. Só Cristo. [...] Ontem matamos sete heréticos que teimavam em viver no nosso reino da justiça. Foram degolados. Vendiam coisas e estavam bêbados. Eram traidores. Os diferentes devem ser afastados. É a palavra de Cristo. [...] Os soldados inimigos não são enterrados. Têm que ficar insepultos, para sempre. Cada um desses enviados do Diabo recebe, depois de morto, um corte na cabeça com o desenho de uma cruz. [...] Os inimigos trazem doença, mas o Santo José Maria e eu curamos. (NETO, 2012. p. 66)

Como retratado no trecho, os fiéis seguidores do monge lutavam em nome de um ideal religioso e quem não seguia era morto. Com esse relato o autor sugere que Gerd queria que o tempo do Contestado voltasse para que a injustiça terminasse e assim o lugar onde vivia fosse mais compreensivo com suas ideias de igualdade. Ao apresentar esta carta, Oliveira Neto trabalha com o real e o fictício ao mesmo tempo,

em que descreve como era viver no Contestado, mas também traz personagens fictícios relatando estes fatos, que não aparecem em documentos oficiais da época.

A narrativa não fica apenas nos personagens da família Rünnel, gira também em torno de outros habitantes da cidade, que eram descendentes de imigrantes europeus e conservavam os costumes dos parentes. O autor descreve várias passagens do cotidiano dessas pessoas que nos remetem ao período vivido e às opiniões deles sobre a Guerra do Contestado, já que alguns viveram o clima da época. As opiniões eram diversas, desde os que defendiam o modo de vida das pessoas que estavam no Contestado, como Gerd, que dizia: “o problema é a terra, [...] no Contestado a terra era para todos” (NETO, 2012. p. 104), todos tinham terra suficiente para trabalhar, até quem pensava que era apenas um movimento religioso de fanáticos liderados pelo monge José Maria.

[...] Lá só se reuniam fanáticos, comunistas e loucos. Devia-se acabar com eles. Alguns chefes dos jagunços receberam instrução militar [...] Comentava-se que um enviado particular de Lênin tinha vindo, sigilosamente, observar a Guerra do Contestado. [...] Diziam que o mundo ia ser socialista. O comunismo ia triunfar na Rússia e no Contestado. [...] O partido revolucionário ganhava força na Rússia. Além disso, uma facção da maçonaria queria a monarquia de volta e pensava poder manipular os fanáticos; os jagunços diziam que a República era coisa do diabo. (Idem, p. 39)

Esta relação entre os fatos reais e fictícios é a ideia da metaficção historiográfica que propõe este jogo ao leitor, fazendo-o refletir e questionar sobre o fato ocorrido e sobre as reais verdades. Aparece no cenário a visão de pessoas que não estão no centro do fato e, que, muitas vezes, viram de longe o ocorrido e relatam sem a preocupação com a “verdade histórica” e nem documentam em diários ou cadernos, apenas guardam na memória, e ainda assim acrescentam novas visões a partir de ouvir outros relatos.

Atentando aos fatos particulares de cada personagem e suas características para compor a narrativa, o fato histórico, no caso a Guerra do Contestado, serve para partir do particular para o todo, e assim formar a sociedade de Alto Diamante, como alguns nomes de personagens que remetem a fatos e a pessoas reais. No caso do personagem Otto Udenreich que permite uma alusão histórica ao nome do III Reich (Terceiro Império) Alemão criado por Adolff Hitler. Otto Udenreich era preconceituoso e apoiava as ideias de Gerd Rünnel quanto ao Contestado. Outra personagem é a própria narradora com seu nome, Tecla, que remete as questões

metaficcionais da narrativa, pois é a escritora responsável por difundir a história tem o nome do objeto que é responsável pela escrita de computadores e máquinas datilográficas.

Ao retratar personagens, lugares e costumes da época e dos habitantes, Godofredo de Oliveira Neto traça um cenário da sociedade da região Sul brasileira no começo do século XX. Traz as questões sócio-políticas que afligiam o país e tinham consequências em cidades pequenas e de imigrantes europeus, mostrando o processo de formação da população e das cidades. Explorar estes elementos na obra, trabalhando com as lacunas deixadas pela História oficial, e moldurar uma visão da época, torna a narrativa reflexiva e questionadora sobre a visão política do de todos.

No romance, a Literatura e a História se entrelaçam em vários momentos, desde passagens do cotidiano até documentos citados pelos personagens, ou autoridades da época. Na narração de Tecla é apresentada sua família no início da obra. Seu pai era um grande empresário e tinha um apartamento no Rio de Janeiro onde recebia vários políticos importantes da época como Salgado Filho, ministros do presidente, entre eles Gustavo Capanema e personalidades como Oswaldo Aranha. Neste momento se dá o encontro de personagens reais da História do Brasil com personagens fictícios da obra, o que é uma das características da metaficção historiográfica. O único documento citado na obra é uma carta do primo de Gerd, que participou do conflito no Contestado, enviada aos Rünnel em que relata como era o clima e a convivência de todos nos campos do Irani, onde “a comida era ofertada para todos” (NETO, 2012, p. 66). Com esse jogo do histórico com o fictício, o autor coloca em xeque as “verdades históricas” como sendo as únicas a poderem retratar a História oficial, sem que possa haver uma outra visão sobre o fato.

Esta obra é uma ficção pós-moderna, em que os questionamentos sobre o passado fazem com que se reflita sobre as lacunas deixadas abertas ao longo do tempo na aparente continuidade e coerência histórica. Nos estudos sobre a metaficção historiográfica, Linda Hutcheon (1991) afirma que “reescrever ou rerepresentar o passado na ficção ou na história é - em ambos os casos - revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico” (p. 147), ou seja, *O Bruxo do Contestado* é uma obra fictícia que traz questões do passado ao presente, sendo que parte de um fato histórico, que ainda está no imaginário da população da região, na forma de muitos relatos que são passados de geração em geração, sendo,

porém, procurado em documentos oficiais. As obras metaficcional historiográficas fazem relações intertextuais com a História, porém assumindo o papel da reelaboração paródica que remete a um jogo entre o discurso literário e o historiográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a interpretação e análise de um texto literário que se caracteriza como metaficção historiográfica subentende-se a concepção de que a literatura se constitui como um ato social, político e histórico, utilizando a linguagem não apenas como meio de transmissão dos fatos históricos, mas principalmente como meio de um constante reexame de sua constituição pela história e pela memória coletiva e individual. Com o advento da pós-modernidade, a Literatura e a História conversam entre si de maneira que a composição sócio-política de uma sociedade passa pela escrita destas duas formas de narrativas.

Com a metaficção historiográfica, a Literatura e a História se aproximam nas produções escritas, como na obra de Godofredo de Oliveira Neto, com o fato da Guerra do Contestado sendo recontada por meio das memórias dos personagens, retratando os locais próximos onde ocorreram as batalhas, bem como os costumes da época retratada na narrativa. Assim, é criado um efeito de realidade para quem está lendo, ao mesmo tempo que atinge o objetivo de preencher as lacunas deixadas pela História oficial, que apenas retrata alguns personagens importantes, deixando para a Literatura retratar personagens e visões marginais. Isso faz com que os leitores façam uma autorreflexão e um questionamento das “verdades absolutas”, o que constitui grande possibilidade de reorganizar os fatos e acontecimentos e ter uma visão política do que acontecia naquela época.

A sequência não cronológica e não linear da narrativa de *O Bruxo do Contestado* faz com que a narrativa seja descompromissada com a História Tradicional, conseguindo dar sequência aos fatos do texto e segurar o leitor com a relação do cotidiano de pessoas comuns. Outro fato importante é que são citados nomes importantes da História brasileira, desde políticos até personalidades importantes de cada época, porém não há participação direta na narrativa, apenas são relatadas as consequências das atitudes de políticos tomadas durante os mandatos. Como quando Gerd Rünnel, descendente de alemães, fica sabendo da

proibição de falar a língua alemã, que aprendeu com seus pais, e que quase todos da comunidade falavam, podendo ser presos quem desobedecesse a esta restrição.

O fio condutor da obra de Oliveira Neto, é a trama psicológica que envolve a família Rünnel, cujo patriarca, Gerd, é atormentado por pensamentos sobre a Guerra do Contestado, e sua vontade de que este tempo retornasse. Entretanto ele vivenciou este período com certa distância e não frequentou os campos do Irani e nem se juntou às tropas que lutavam contra o governo. Assim, memórias deste tempo são transmitidas através de personagens que viveram ou relataram histórias aos familiares com visões próprias dos fatos ocorridos.

Linda Hutcheon (1991) afirma que “a maioria dos leitores atuais (e muitos leitores da época) tiveram o prazer da dupla conscientização da natureza fictícia e de uma base no ‘real’” (p. 143), o que faz com que leitores que refletiram sobre o texto e os intertextos conseguem construir uma ponte entre o real e o fictício, questionando o que é real e o que não é. A ficção e a História são textos que se diferenciam apenas em suas estruturas narrativas. A reflexão e o questionamento presentes na obra analisada é uma releitura de um fato, um tanto esquecido, da história brasileira, mais precisamente da história de formação dos estados da região Sul do Brasil, convidando a conhecer os relatos e memórias do povo colonizador desta área, seu território e sua identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, R. **Literatura e História**. In: Revista Topoi. Rio de Janeiro, 1999, nº. 1, p. 197-216.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LIMA, L. C. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MACHADO, P. P. **Tragédia anunciada - Coronéis locais, forças estaduais e Exército se uniram para combater as “cidades santas”, territórios autônomos criados por caboclos**. Revista de História - Edição nº 85, Outubro de 2012. Disponível em: <http://www.rhbn.com.br/secao/capa/tragedia-anunciada> - Acessado em 05-04-2015

NETO, G. O. **O Bruxo do Contestado**. Rio de Janeiro, Record. 2012.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura**. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EDUSP, 1994.